

ETNOGRAFIA DA MUDANÇA: APONTAMENTOS SOBRE ABORDAGEM QUALITATIVA NUMA CIRCUNSTÂNCIA DE MIGRAÇÃO COMPULSÓRIA

ETHNOGRAPHY OF CHANGE: OBSERVATIONS ABOUT THE QUALITATIVE APPROACH ON THE CIRCUMSTANCE OF COMPULSORY MIGRATION

Milena Marcintha Alves Braz¹

Antonia Ieda de Souza Prado²

Resumo: Descreve o percurso teórico-metodológico de uma pesquisa qualitativa que teve como proposta compreender uma circunstância de migração compulsória no sertão do Ceará, Brasil. Essa migração foi acompanhada, ao longo dos anos de 2007 a 2011, no município (Nova Jaguaribara) construído pelo Governo do Estado para abrigar as pessoas deslocadas do espaço anterior, que foi alagado em decorrência da construção da Barragem do Castanhão. Buscou-se, no percurso metodológico, desenvolver uma “etnografia da mudança” para possibilitar descrever e analisar as transformações ocorridas nos modos de vidas dos grupos analisados. Para tanto, foram adotadas estratégias etnográficas, como observação, diário de campo e entrevistas, ensejando captar o dilema que os sujeitos sociais vivenciaram.

Palavras-chave: Pesquisa Social; Etnografia da Mudança; Migração Compulsória.

Abstract: Describing the theoretic and methodological course of a qualitative research that sought to understand the circumstance of compulsory migration in the backwoods of Ceará, Brazil. This migration was studied from 2007 until 2011, at the Nova Jaguaribara county, constructed by the government of the state to shelter the people who were displaced from the previous location, due to the flood caused by the Castanhão's Dam. It was sought to develop an ethnography of change, in a methodological course, to analyse, describe and enable the transformations occurred in the lifestyle of the studied groups. Ethnographic strategies were adopted such as, observation, field diaries and interviews seeking to capture the dilemma lived by the social subjects.

Keywords: Social Research; Ethnography of Change; Compulsory Migration.

1 Introdução

Com respaldo nas estratégias etnográficas, realizamos uma pesquisa qualitativa com base em incursões e observações a campo, nos anos de 2007 a 2011, com o intuito de compreender uma circunstância de migração compulsória no sertão do Ceará-Brasil.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora no Departamento de Economia Doméstica na Universidade Federal do Ceará (UFC) e Curso de Direito da Faculdade Integrada da Grande Fortaleza (FGF), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: milena.braz@hotmail.com

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora no Centro de Educação na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Curso de Direito da Faculdade Integrada da Grande Fortaleza (FGF), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: iedaprado@hotmail.com

Destarte, o objetivo deste ensaio³ é descrever o percurso por nós realizado para levar a cabo o empreendimento etnográfico, o qual teve a intenção de captar em detalhes como ocorre a mudança de uma população de um município inteiro (Jaguaribara⁴) para outro espaço construído pelo Governo do Estado (Nova Jaguaribara), isto é, compreender como ocorre uma mudança “por dentro” e quais as repercussões na vida dos envolvidos.

Ante exposto, buscamos compreender, na dimensão privada de suas experiências, as mudanças em seus modos de vida decorrentes da imposição de uma esfera pública orientada pela lógica racional da produção de mercadorias; ou seja, a pretensão foi analisar a relação entre a história e a biografia no sentido de Wright Mills (1982).

No intuito de realizar uma descrição pormenorizada, associada a várias incursões a campo, também foram analisados, detalhadamente, diversos documentos institucionais que traçavam os passos necessários para a construção da barragem do Castanhão⁵ e da nova cidade, da mudança, a respeito do Plano de Reestruturação Econômica para o Município etc.

A história de Jaguaribara é similar à de outras localidades submetidas a intervenções de grandes projetos econômicos para a construção de barragens e hidrelétricas, e têm em comum a necessidade de deslocar grandes massas populacionais de seus lugares de origem para outros espaços. A mudança física do referido Município ocorreu em julho de 2001, trazendo consigo diversas alterações, como: mudanças nos trajetos diários, nas moradias, na vizinhança, nos saberes e saber-fazer que os moradores detinham anteriormente. Nestes casos, os saberes necessitaram de reformulações para a convivência com o novo.

Podemos acentuar que a mudança física alterou em menor ou maior proporção a vida de todos os jaguaribarenses, entretanto, por questões metodológicas, definimos empiricamente as relações de trabalho vivenciadas por lavadeiras, pescadores e agricultores, trabalhadores estes que, antes favorecidos pela localização do rio Jaguaribe

³ Versão preliminar deste texto foi apresentada no 5º. Congresso Ibero-Americano de Pesquisa qualitativa. ATAS CIAIQ (2016).

Disponível em: < <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/976>>.

⁴ Em 2001, no sertão do Ceará-Brasil, um município inteiro foi deslocado para um novo espaço físico. Jaguaribara teve seus moradores transferidos compulsoriamente em razão do alagamento que a barragem do Castanhão causou no local onde habitavam. O município hoje é desabitado, destruído e alagado em virtude da construção da barragem do Castanhão – localizava-se 238 km de Fortaleza (capital do Ceará) e era acessada pela BR 116 ou CE 26.

⁵ A barragem do Castanhão faz parte do Plano de Recursos Hídricos do Estado do Ceará, foi construído no Sertão do Estado e teve suas obras concluídas no ano de 2003. É uma importante reserva hídrica para a região.

próximo às suas moradias, desenvolviam *tranquilamente* seus trabalhos dentro e no entorno do manancial.

Para tanto, recolhemos diversos relatos envolvendo a atividade laboral de lavadeiras, pescadores e agricultores, com o intuito de reunir elementos para o entendimento acerca da alteração no perfil de organização do trabalho. Dentre as modificações, nos chamaram a atenção questões pertinentes aos saberes populares reelaborados com base nos novos saberes técnicos exigidos para a manipulação dos novos trabalhos.

As relações com o novo modo de realizar o trabalho de lavadeiras, pescadores e agricultores diferem em suas especificidades, mas existe algo em comum - a grande mudança em seus modos de vida - em razão da transferência de suas ocupações em torno de um rio natural para um açude construído artificialmente. Isto implicou a necessidade de uma rápida absorção de um novo conhecimento para realizar seus antigos trabalhos no novo tempo.

Para tanto, foi empreendida uma pesquisa de campo de longa duração, na qual foram buscados pistas e fatos para compreender a influência da mudança nos modos de vida dos sujeitos envolvidos. As descrições foram captadas com apoio em observação participante, registros em diários de campos, além da aplicação de questionários com perguntas abertas e entrevistas gravadas.

A construção da barragem do Castanhão continua sendo alvo de debates, em razão da multiplicidade e complexidade dos influxos sociais que, até hoje, repercutem na vida dos moradores transferidos. Um destes é o dilema da sobrevivência⁶ que enfrenta parte da população de Nova Jaguaribara, em decorrência da reestruturação de seus modos de vida.

2 Mudança física e social – elementos para compreender os efeitos da transferência compulsória

Como mencionamos, o recorte desta pesquisa compreendeu de 2007 a 2011, entretanto, a população foi deslocada no ano de 2001. Então, quando realizamos as coletas, já encontramos a população mais ou menos acomodada no novo espaço, entretanto, ainda eram visíveis os transtornos de uma mudança imposta.

⁶ Em estudo anterior - 2005 – os resultados apontaram para os dilemas de sobrevivência dos moradores na nova cidade, em razão da mudança de espaço físico. Ver em Braz (2005).

Em virtude da situação dramática que os agentes sociais vivenciavam, à época, foi fundamental a orientação etnográfica, que norteia sobre a necessidade do esforço que os pesquisadores devem empreender para estabelecer um clima de confiança no ambiente pesquisado, única possibilidade de captarmos o real em condições naturais. Assim, buscamos, ao longo da investigação, estreitar os laços com os moradores com os quais já mantínhamos contato desde a cidade antiga e aproveitar para conhecer moradores ainda desconhecidos por nós⁷.

No percurso investigativo, acompanhamos as angústias de alguns moradores, que se relacionavam com as novas moradias, uma nova vizinhança e a atual organização da cidade com os seus equipamentos sociais situados em lugares diversos do anterior⁸. Estas mudanças físicas mostravam a necessidade de eles aprenderem novas coisas e se desapegarem das práticas anteriores⁹. Atos como caminhar por a toda a cidade, criar animais que serviam de alimentação e fonte de renda – tudo isso teve que ser alterado no novo local. Assim, mesmo os moradores residentes na zona urbana do antigo lugar compartilhavam de uma sociabilidade diferente daquela requerida no novo espaço.

Na antiga cidade, as casas conjugadas facilitavam as conversas nas calçadas, ao embalo das cadeiras de balanço, ao findar da tarde. Eram rotineiros e conhecidos para todos os moradores os trajetos para a igreja, mercado, escolas, bancos, posto de saúde. Habitualmente, nos quintais, se criavam galinhas, porcos, carneiros, animais que também tinham tráfego livre nas ruas durante o dia, indo usufruir da vegetação e água do rio Jaguaribe.

Diariamente, do rio Jaguaribe, pescadores retiravam o sustento de suas famílias; da fertilidade das margens do rio, beneficiavam-se pequenos agricultores que cultivavam variados alimentos; na correnteza do rio, sobre as pedras, lavadeiras exerciam o seu trabalho; e, nos finais de semana, o Rio era fonte de lazer, quando muitas pessoas

⁷ Além dos moradores transferidos da antiga cidade, fixaram residência em Nova Jaguaribara alguns trabalhadores que vieram de outras cidades ou municípios para trabalhar nas obras do Complexo Castanhão. Um dos aspectos que facilitou a permanência dessas pessoas foi o namoro ou enlace com os jaguaribarenses.

⁸ É sabido que, em cidades planejadas, existe uma racionalização no uso dos espaços, sendo uma das características a construção de casas padronizadas, variando muito pouco nos modelos. No caso de Nova Jaguaribara, a variação é de cinco tamanhos (50, 75, 100, 125 e 150m²) e três modelos (A, B e C). Os moradores da cidade que vieram de vários lugares - Sede do Município, distrito, zona rural, povoados - foram realocados conforme o traçado da nova cidade. Assim, não foi possível manter a mesma vizinhança.

⁹ Na área central da cidade, as pessoas trocaram as cadeiras de balanço nas calçadas – o que era característico da antiga cidade – por cadeiras nas áreas, lembrando que a existência de muros entre as casas [na cidade antiga as casas eram conjugadas, com janelas e portas diretamente nas calçadas] está dificultando a interação dos vizinhos (BRAZ, 2005).

usufruíam de suas águas, bem como dos restaurantes das proximidades, servindo-se do peixe fresco.

Com a mudança da cidade de um lugar a outro, o Rio perdeu a função de espaço de trabalho e lazer. Acompanhamos, por meio de observação, registros de diário de campo e entrevistas, a atividade das lavadeiras em torno do Açude; e, realmente, a prática declinou bastante, pois em decorrência da distância, várias lavadeiras abandonaram a atividade, o que ensejou no local um espaço deserto que produzia receio para as poucas lavadeiras que persistiam no trabalho. Em várias oportunidades, acompanhamos o labor destas mulheres no Açude, mas eram poucas, duas ou três mulheres, no máximo, desenvolviam o trabalho.

Além da questão laboral, a dificuldade de acesso ao Rio desfez toda uma rede já consolidada de interações, das brincadeiras das crianças que as mães levavam ao rio, das conversas entre as lavadeiras e da ajuda que umas prestavam às outras para torcer e estender as peças mais pesadas. Como o fluxo no Açude é bem menor, essas interações também enfraqueceram.

Algumas lavadeiras relataram os inconvenientes de se deslocarem até o Açude, como tomar mototaxi, ônibus ou pegar caronas; ficarem praticamente sozinhas o dia todo, pois não convém deixar as roupas no local para buscar ao entardecer, como era prática no espaço anterior. Outra ocorrência que as incomodava era a existência de alguns conflitos, como no caso das pedras que as próprias lavadeiras tiveram que colocar nas margens do Açude. Assim, elas se sentem donas daquele espaço, e, quando outra “desavisada” chega para ocupá-lo, é advertida da propriedade da pedra, dando ensejo a constrangimentos em algumas mulheres.

O trabalho, cuja execução dependia do Rio, foi objeto de grandes alterações, quando passou a ser exercido no açude, não somente para as lavadeiras. Outros moradores que desenvolviam atividades de subsistência no rio Jaguaribe e em outros pequenos açudes, na nova cidade, migraram para outras atividades, como a piscicultura, ao passo que outros foram transferidos para um projeto de reassentamento de agricultura irrigada, enquanto alguns se aposentaram.

No novo espaço, a agricultura irrigada e a criação de peixe em viveiro exigiram dos trabalhadores não só o aprendizado de saberes técnicos para a produção e a comercialização, mas também outra lição, concernente a mudanças subjetivas na organização social e no trato com a natureza. A alteração nos modos de trabalho

significou a necessidade de aprender mais coisas: novas técnicas de plantio, de colheita, de criação de peixes em gaiolas.

Por exemplo, a difusão de informações e técnicas de trabalho para os agricultores e piscicultores passou a ser orientada para um trabalho cooperativo com fins de comercialização. O principal comprador dos produtos produzidos pelos reassentados é a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), a qual destina os produtos para a merenda escolar e para outras instituições que trabalham com projetos sociais.

Diferentemente dos trabalhos de agricultores e pescadores, que estão sendo reorientados para a produção e comercialização, o serviço das lavadeiras carece de projetos para sua reprodução. Talvez o fato se explique pela dificuldade de orientar o trabalho da lavadeira para a comercialização. Assim, para essas trabalhadoras, as mudanças ocorreram mais na esfera privada, alterando a maneira de lavar as roupas, antes tarefa realizada próximo de casa, no rio Jaguaribe e, hoje, em casa, nas pias com água encanada, ou numa parte do açude Castanhão, localizada em baixo de uma ponte, neste caso, tendo as lavadeiras que se deslocarem cerca de 6 km (12 km ida e volta).

Ante o exposto, é perceptível a grande alteração no modo de vida do grupo de trabalhadores privilegiado na investigação que, na maioria dos casos, teve a situação de sobrevivência dificultada no novo espaço. Para fins de coletar os dados e descrever a situação vivenciada pelos trabalhadores na nova cidade, explicitamos a seguir a estratégia de condução da pesquisa.

3 A fundamentação do método de abordagem

A Etnografia é uma estratégia metodológica por excelência para estudos descritivos. Teve sua elaboração no início do século XX e seus fundamentos são sistematizados pelo antropólogo inglês Bronislaw Malinowski, que residiu em sociedades nativas na Melanésia para a coleta de dados. As estratégias de pesquisa lá vivenciadas pelo Antropólogo proporcionaram uma compreensão mais aprofundada da cultura estudada em virtude da aproximação do pesquisador com o grupo pesquisado. Assim, o estabelecimento de empatia, a observação acurada, a manutenção de um diário de campo, a realização de entrevistas, a participação no eventos nativos foram as orientações e técnicas de pesquisa deixadas por Malinowski que ainda hoje contribuem no estudo de sociedades modernas. Vejamos o que nos diz o autor: “Um diário etnográfico, levado a

cabo sistematicamente ao longo do tempo de trabalho numa região, seria o instrumento ideal para este tipo de estudo” (MALINOWSKI, 1976, p. 33).

Seguindo as orientações propostas por Malinowski, as idas a campo constituíram-se numa experiência enriquecedora, na medida em que possibilitaram alargar a nossa compreensão acerca das modalidades de sociabilidade produzidas no novo espaço e descoberta de representações que os diversos agentes têm do seu espaço social. A inserção no área, facilitou, também, a compreensão sobre as dificuldades decorrentes de um trabalho de campo, por exemplo, como encontrar os informantes com vontade de contribuir e de posse das informações que precisamos saber.

Malinowski orienta que o método etnográfico carece de três princípios que devem ser considerados: o investigador deve guiar-se por objetivos verdadeiramente científicos, e conhecer as normas e critérios da etnografia moderna; há que providenciar boas condições para o seu trabalho, o que significa, em termos gerais, viver efetivamente entre os nativos, longe de outros homens brancos; finalmente tem de recorrer a um certo número de métodos especiais de recolha, manipulando e registrando as suas provas. (MALINOWSKI, 1976). Dos três princípios, confessamos que não observamos o segundo (residir entre os nativos), neste caso, fizemos uma incursão mais próxima da proposta de Franz Boas, quando estudou sociedades do noroeste dos Estados Unidos, ou seja, assim como Boas, realizamos diversas incursões e, em cada uma delas, permanecíamos de três a sete dias.

Na recolha dos dados, seguimos a orientação de Malinowski, e, assim como ele, não deixamos de mencionar as dificuldades enfrentadas. No contato com os informantes, encontramos aqueles satisfeitos em fornecer informações gravadas; outros, porém, nos concederam sua atenção, contanto que não utilizássemos o gravador; ouviamos atentamente suas falas e depois anotávamos alguns trechos importantes que nossa mente conseguia recordar.

Realizamos várias caminhadas na cidade, observando os diversos espaços, registrando de maneira etnográfica. Eram tantas diferenças em relação ao espaço anterior que percebíamos durante as caminhadas, e estas eram tão longas que não era possível ficar a todo momento parando para anotações. Assim, em alguns momentos, utilizamos o gravador para registrar, por meio das nossas falas, todas as percepções, temendo perder algum detalhe naquela infinidade de dados, e, assim, posteriormente, redigimos as informações no diário de campo.

Consoante expusemos, na exploração do novo espaço, não restringimos a investigação somente à observação, mas, principalmente interrogamos os moradores sobre as suas visões em relação à vida na nova cidade. Geertz (1978) ensina que a Antropologia tem como proposta a ampliação do discurso humano, daí a importância em privilegiarmos a voz dos moradores na pesquisa. Assim, foi o que fizemos: buscamos nas falas dos moradores transferidos conhecer sobre suas visões de mundo acerca do espaço habitado na nova cidade.

As várias idas e permanências no campo de pesquisa contribuíram, sobremaneira, para a decisão acerca das melhores estratégias para a investigação e direcionamento da pesquisa.

Com efeito, a delimitação do campo de pesquisa e dos interlocutores foi ocorrendo de acordo com as incursões realizadas ao local da investigação, conforme a movimentação dos moradores no novo espaço. Para tanto, foram priorizadas no percurso metodológico estratégias etnográficas próprias da Antropologia Social, no intuito de desvendar as mudanças ocorridas no modo de vida de lavadeiras, pescadores e agricultores, com suporte das transformações na forma de trabalho¹⁰. A intenção foi compreender os sentidos que os sujeitos envolvidos neste processo atribuem à mudança, ou seja, como eles contam essa história (GEERTZ, 2001).

Buscamos registrar não apenas a diversidade cultural do universo pesquisado, mas, antes de tudo, perceber o significado das práticas sociais, dos comportamentos como “experiências humanas – de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade – que só aparecem como exóticas, estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido” (MAGNANI, 2000, p.18).

Sob a perspectiva de análise que prioriza a compreensão dos sentidos que os sujeitos sociais atribuem às suas vidas, Gilberto Velho (1989) diz que esse entendimento buscado pelos pesquisadores acerca da percepção das pessoas sobre suas realidades sociais trata da verificação de quais categorias são utilizadas, como se relacionam e hierarquizam, e os princípios que presidem esta organização¹¹.

¹⁰ O Plano de Reestruturação Econômica de Jaguaribara faz menção às três categorias econômicas como trabalhadores urbanos mais influenciados com a mudança. As lavadeiras de roupa, pescadores e agricultores residentes na área eram aproximadamente 180 pessoas, representando 11,5% da população economicamente ativa (PEA) da zona urbana da nova cidade.

¹¹ Em um estudo sobre “representações” de classes médias em Copacabana, Gilberto Velho (1989) utiliza questionários e entrevistas, fazendo uma comparação entre proprietários e inquilinos do prédio estudado, e classificando os copacabanenses quanto à época de chegada ao bairro, além de comparar suas opiniões com moradores de outro prédio, e de outros bairros. Seu objetivo foi descobrir, junto aos entrevistados, a visão de mundo de cada grupo por meio das “representações”.

Nesta investigação, a ênfase foi conferida à compreensão dos significados que os informantes têm dos espaços pesquisados e das suas práticas no novo local. Sobre este assunto, Geertz (2001) leciona que, ao empreender um trabalho em campo, deve-se desprover de qualquer visão fechada acerca da cultura. Não se pode ter um parâmetro do que é correto, ou não, para os outros, e sim interpretar o significado que eles concedem a sua realidade, seja ela similar ou bem diferente da nossa. Ainda sobre a ênfase na visão dos entrevistados, Gilberto Velho (1989) confirma a importância de procurar perceber como as pessoas da sociedade investigada elaboram e definem a sua realidade, como articulam e que peso relativo têm os fatos que vivenciam.

A perspectiva de condução da pesquisa empírica, sugerida por Gilberto Velho, foi seguida nesta investigação, sem perder de vista as lúcidas e instigantes sugestões defendidas por Bourdieu (2008) para a Ciência Social, principalmente quando este defende o rigor científico, mas combate a rigidez do pensamento, abrindo perspectivas para um trabalho interdisciplinar. De acordo com esta lógica, a intenção foi desvendar o mundo social em Nova Jaguaribara, mas também refletir sobre nossa posição de pesquisadoras, indagando com qual interesse o mundo social é classificado, lido e elaborado.

Na pesquisa social, está explícita a complicada relação entre sujeito e objeto. De um lado, o rigor científico exige a objetividade na pesquisa, mas, na relação de conhecimento que se estabelece nas Ciências Sociais, é inarredável a subjetividade do pesquisador. Assim, na pesquisa social, existe uma relação entre objetivismo e subjetivismo. A sociedade oferece uma estrutura social que pode ser alterada pela ação das pessoas. Esta relação entre estrutura e ação, segundo Bourdieu, pode ser compreendida por uma *Sociologia da prática* – a relação dialética entre uma situação dada e um *habitus*. Aí a categoria *habitus* entra como elucidativa do processo relacional - o *habitus* é internalizado, mas pode ser modificado pelos sujeitos, mediante suas práticas, para, assim, transformar a realidade social.

Na esteira das reflexões de Bourdieu, foi pensado acerca da relação entre o campo institucional, que definiu a estrutura da cidade planejada, e a prática dos agentes sociais (moradores). Isto ensejou alguns questionamentos, por exemplo, sobre: como a estrutura urbana definida por meio de um planejamento técnico se articula com a produção do espaço social? Ou seja, de que maneira os moradores estão agindo para se adequar aos novos modos de sociabilidade demandadas na nova cidade?

Considerando o problema que se tenciona responder – Como os moradores reorganizaram seus modos de vida com amparo numa nova organização do trabalho? - É fundamental entender a atuação da tecnocracia estatal, que, neste âmbito específico de deslocamento populacional, foi responsável por consolidar a construção da barragem, que determinou a migração compulsória em massa para a nova cidade e, conseqüentemente, um outro modo de vida.

Os moradores, ao serem transferidos para o novo espaço, tiveram que aprender outras maneiras de reproduzir suas vidas. Por esse motivo, foi buscado no estudo desvendar o relacionamento entre várias categorias de saber que ali coexistiam: o saber popular, o de teor rural e urbano, o de perfil técnico e científico. O meio privilegiado para conhecer sobre o relacionamento entre estes saberes foi por meio das falas e ações dos sujeitos; entretanto, ao mesmo tempo, consideramos o contexto histórico, político e social, onde se desenvolveu o projeto Castanhão, e as mudanças decorrentes de sua implementação.

Para captar a compreensão dos agentes sociais sobre a mudança, foi realizada uma escuta cuidadosa das experiências de lavadeiras, pescadores e agricultores envolvidos no processo. Os encontros com os trabalhadores ocorreram nas associações, residências e locais de trabalho, com vistas a coletar relatos de experiências acerca das mudanças em seus modos de vidas. Como retromencionado, na análise, não foi desconsiderado o papel da tecnocracia estatal responsável pela consolidação do projeto de mudança dos moradores, no que diz respeito à determinação dos novos modos de vida, à primeira vista, impostos aos sujeitos sociais envolvidos.

3 Por uma etnografia da mudança

Para compreender e explicitar as experiências vivenciadas pelas pessoas envolvidas na mudança, foi realizada uma *etnografia da mudança*, ou seja, a descrição detalhada do desafio que os sujeitos sociais experienciaram na relação dos seus saberes antigos com os novos, considerando que os saberes trazidos do antigo espaço foram insuficientes para lidar com o novo tempo.

Para Malinowski (1976), as fontes etnográficas são primordiais para conferir valor científico a uma pesquisa descritiva. Vejamos as palavras do autor, “A linha que separa os resultados da observação direta e as interpretações nativas das inferências do autor baseadas no seu senso comum e capacidade de penetração psicológica só pode ser

traçada com base nestas fontes etnográficas de inquestionável valor científico” (p. 18). Reconhece, no entanto, o caráter paradoxal do material coletado, já que não privilegia a objetividade requerida pelas Ciências, antes está inscrito em elemento essencialmente subjetivo – na etnografia “as fontes são altamente dúbias e complexas, não estão materializadas em documentos fixos e concretos, mas sim no comportamento e na memória dos homens vivos” (MALINOWSKI, 1976, p. 19).

Por isso, o método etnográfico ainda é bastante questionado em relação a sua cientificidade no campo das Ciências Sociais, exatamente por não propor um afastamento do pesquisador em relação ao universo pesquisado, mas antes sugere uma imersão no campo de pesquisa, com vistas a uma melhor compreensão do fenômeno estudado. Para François Laplantine (2004), a Etnografia é

[...] antes de tudo uma experiência física de imersão total, consistindo numa verdadeira aculturação ao invés, onde, longe de tentar compreender uma sociedade unicamente nas suas manifestações ‘exteriores’ (Durkheim), eu devo interiorizá-las através das significações que os próprios indivíduos atribuem a seus próprios comportamentos (p. 23).

A concepção de Etnografia, descrita por Laplantine, mostrou-se adequada na prática desta investigação, considerando o intento de explicar o fenômeno da mudança social, com vistas a apreender como estas mudanças se processam nas vidas das pessoas por elas afetadas. Para uma imersão no campo, entretanto, no sentido descrito por Laplantine, é essencial o estabelecimento de uma relação de empatia entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, pois, se tiverem confiança, ficarão mais tranquilos para contar sobre suas vidas no doloroso procedimento de mudança que vivenciaram. Sobre o tema, Sato e Souza (2001) citados por Alves e Justo (2009, p. 201) concordam na ideia de que,

[...] o fornecimento e o ocultamento de informações ao pesquisador serão controlados pelas representações que essas pessoas criam sobre “quem é o pesquisador”. E o mesmo ocorre conosco. Essa atitude investigativa das pessoas do local em relação ao pesquisador o insere numa relação na qual a assimetria é menor do que ele eventualmente possa imaginar e isso tem implicações diretas para o seu trabalho de pesquisa. Essa assimetria no relacionamento deixa de ser motivo de surpresa quando vemos a pesquisa de campo como um processo de convivência entre pessoas. Sendo assim, não são apenas as regras e rigores metodológicos que nortearão a qualidade da pesquisa, mas a qualidade do relacionamento entre pesquisador e as pessoas do local pesquisado.

Prezando pela qualidade no relacionamento com os informantes, demandamos, ao longo da investigação, um diálogo sempre intermediado por pessoas conhecidas dos entrevistados; ou seja, quando alguém era visitado objetivando uma entrevista, buscávamos indicações de outros possíveis informantes. A criação desta rede de informantes, conhecidos uns dos outros, facilitou a coleta de dados.

Essa estratégia de aproximação foi buscada em virtude da compreensão de que, no Brasil, e, em especial, em cidades pequenas, as pessoas se conhecem e as redes de parentesco são extensas. Assim, apostamos na ideia de que, nesses locais, seria benéfico nos valer da rede de parentes e amigos para facilitar a pesquisa; isto é, aquilo que Roberto DaMatta (1997) identifica como redes de relações, as quais os brasileiros utilizam para facilitar a “navegação social”, facilitou adentrar o “universo relacional” do grupo estudado. Assim, após o estabelecimento de uma conversa, já era solicitado o apoio do informante para que ele nos apresentasse aos seus conhecidos que pudessem colaborar com a investigação.

O aproveitamento da rede de relações de amigades e familiares foi primordial para o tipo de investigação empregada - qualitativa, descritiva e analítica. A metodologia que mais se coadunou com as pretensões da investigação foi a abordagem etnográfica, a qual possibilitou a aproximação entre sujeito e objeto, sem inabilitar o caráter científico da pesquisa (BRAZ; PRADO, 2016).

Se a Etnografia é, conforme definiu Geertz (1989), *uma descrição densa*, a intenção foi realizar uma etnografia da mudança, da mudança física, mais ainda, da mudança nos modos de vida das pessoas por ela afetados. A etnografia da mudança realizada reuniu as características descritas por André (2005), que conceitua o trabalho etnográfico com base em cinco características. A primeira é a utilização de técnicas tradicionalmente próximas à Etnografia, tais como a observação participante, a entrevista e a análise dos documentos. Para a autora,

[...] a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que a pesquisa tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, e explicar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes (ANDRÉ, 2005, p. 28).

Consoante a descrição de André (2005), entendemos que a investigação, ora expressa, se constituiu do caráter de observação participante, pois se manteve ao longo da investigação a interação com os informantes por meio de entrevistas, mas também de conversas informais, com vistas à compreensão do quadro de mudanças vivenciado pelos sujeitos sociais ali envolvidos. Sobre o assunto, Malinowski (1976) sugere que

de vez em quando, o etnógrafo ponha de lado a máquina fotográfica, o bloco de notas e o lápis e intervenha no que se está a passar. Pode participar nos jogos dos nativos, pode acompanhá-los nas suas visitas e passeios, sentar-se ouvindo e partilhando as suas conversas (p.32-33).

A segunda característica descrita por André (2005) refere-se à relevância da figura do investigador no universo da pesquisa, pois, ao interagir diretamente no campo, suas percepções são fundamentais para consolidação do estudo. Vivenciar as experiências de campo, a inquietação das pessoas com a mudança, o desalento decorrente da situação na nova cidade, a inserção nas novas atividades, tudo isto foi primordial para melhor compreender o processo. A ênfase na pesquisa é a terceira característica apontada pela Autora, ao defender a ideia de que a produção da pesquisa é mais relevante do que o produto ou as conclusões do estudo.

A quarta característica, imprescindível na Etnografia, é a compreensão dos significados, entendidos como as maneiras como as pessoas veem e interpretam os fatos e a si mesmas - esse é o desafio do pesquisador, de tentar entender a visão das pessoas envolvidas no trabalho de campo. A quinta característica reside no próprio trabalho de campo, pois, para a compreensão do universo e das experiências vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa, é necessária uma aproximação do pesquisador com os entrevistados.

Além das características descritas pela Autora sobre o método etnográfico, mencionamos um aspecto não menos importante do trabalho em campo, qual seja, a dimensão ética da pesquisa. Esta se exprime na interação do pesquisador com os pesquisados, em face de problemas que aparecem no trabalho em campo, os quais exigem, por parte do pesquisador, sensibilidade para tratá-los. Geertz (2001, p. 43) chama a atenção, no trabalho de campo, para o “desequilíbrio entre a capacidade de revelar problemas e o poder de resolvê-los, por um lado, e a inerente tensão moral entre pesquisador e objeto, por outro”.

Na experiência de pesquisa em campo, foram vivenciadas situações tensas no contato entre nós e os informantes. Foi comum entre os entrevistados questionar acerca da necessidade daquela pesquisa, sua relevância e importância; indagaram bastante sobre em que suas falas poderiam contribuir com a investigação. Dentre as situações experienciadas neste sentido, evocamos uma informante idosa que colaborava com a pesquisa desde a antiga cidade. Numa conversa com ela na cidade nova, ela narrava novamente trechos da história de sua vida e, repentinamente, parou e indagou: o que as histórias de uma velha vão servir para este trabalho da Faculdade?

Desde o início da investigação, notamos que o modo mais compreensível, para a maioria dos informantes, para justificar a investigação em campo e as entrevistas era afirmar genericamente que se desenvolvia um *trabalho da Faculdade*. Essa explicação foi adotada como regra, por percebermos que ela abria muitas possibilidades para

diálogos. Se, por um lado, esta estratégia abriu as portas para adentrar as histórias das pessoas, de outra parte, ela não convencia totalmente da importância dos relatos para a feitura do trabalho, talvez por compreenderem que um trabalho de Faculdade não comporta um saber do senso comum.

Em razão da desconfiança ainda existente na fala dos entrevistados, justificávamos ainda a importância de suas falas, explicando que o trabalho ali desenvolvido se transformaria em um livro sobre a história de Jaguaribara, e, neste caso, eles seriam personagens da narrativa. Isto convencia melhor os interlocutores, deixando-os empolgados e mais dispostos para contar suas histórias; muitos, inclusive, convidavam outras pessoas da família para relatar também sobre suas vidas.

A estratégia empregada para a coleta de dados foi bem-sucedida, considerando-se a intenção da pesquisa de, com base nas narrativas individuais, alcançar a *narrativa social*, ou seja, saltar da dimensão biográfica para a histórica, inspirada em Wright Mills (1982).

5 Conclusões

Como exposto anteriormente, a abordagem de investigação privilegiada neste ensaio etnográfico foi a busca de feição qualitativa, com apoio nas estratégias etnográficas; e com base na situação de migração analisada, denominamos aqui “etnografia da mudança” por adotar as estratégias da Etnografia, a fim de captar as singularidades de um processo de mudança física e social de um município inteiro que foi deslocado para outro espaço no sertão do Ceará.

A estratégia etnográfica exibiu-se como um arcabouço teórico-metodológico adequado para a investigação realizada, pois, ao mesmo tempo em que fundamentou a dimensão científica da pesquisa social, ofereceu instrumentos técnicos para a coleta de dados. A perspectiva proporcionou uma aproximação do sujeito e objeto e a possibilidade de conhecer sobre a tessitura social que se dá numa relação de objetivismo e subjetivismo. Para tanto, demandamos compreender o novo com apoio numa relação entre a estruturação social (projeto institucional da migração) e as ações das pessoas (como eles reorganizaram seus modos de vida na nova cidade). Não perdemos de vista, também, a ação do pesquisador em campo, o qual buscou o conhecimento da cultura local para melhor tirar proveito das técnicas de pesquisa.

As escolhas para a estratégia de coleta de dados se basearam no conhecimento da cultura local. Por exemplo, ao definirmos que a intervenção se daria pela justificativa – é um trabalho da faculdade (afirmado de maneira genérica) e de se valer do universo relacional, as teias de amizades entre os interlocutores da pesquisa. A estratégia propiciou uma aproximação com os sujeitos da pesquisa, sendo assim possível mantermos uma situação de empatia, favorecendo o conhecimento mais detalhado das mudanças nos modos de vida.

Retomando as lúcidas orientações de Clifford Geertz sobre a tensão moral decorrente da interação do sujeito com o objeto nas pesquisas etnográficas, relembramos de situações experimentadas ao longo da investigação, por exemplo, diálogos mantidos com pessoas desorientadas em relação aos novos trajetos, outras modalidades de trabalho, nova vizinhança, convivência com pessoas vindas de fora etc; experiências proporcionadas pela mudança física da cidade. Essas pessoas questionavam nas entrevistas acerca de soluções para os seus problemas, respostas para suas dúvidas. Alguns entrevistados buscavam em nós, pesquisadoras, a resposta às suas indagações ou a solução para as suas carências (de informações, materiais etc.) na nova cidade.

Em outras circunstâncias, alguns entrevistados demonstraram crer que pudéssemos trazer benefícios para a comunidade. Em uma ocasião de entrevista com uma lavadeira, ela, ao se lamentar da ausência na nova cidade de uma lavanderia pública, solicitou o registro da demanda no gravador (instrumento de pesquisa). Referida lavadeira acompanhou as demais entrevistas com outras lavadeiras, difundindo a notícia (deduzida por ela) de que a tarefa da investigadora era de registrar o que faltava no local, inclusive instruindo as colegas, para que falassem sobre a necessidade da lavanderia pública.

Os entrevistados criam uma expectativa acerca do trabalho dos pesquisadores, e há um paradoxo: enquanto, para estes, suas informações são muito importantes, não há nada material para oferecer aos informantes. Eles, ao prestarem informações, estão de algum modo querendo se “beneficiar”; mesmo aqueles que compreendem bem os objetivos da pesquisa esperam algum “benefício”.

Assim, na investigação, enquanto questionávamos sobre o assunto do interesse da pesquisa, os informantes não estavam passivos: eles indagavam, sempre que possível, sobre o nosso papel de pesquisadoras naquele lugar, o que poderíamos fazer de efetivo para ajudá-los e, nessa hora, notávamos quão árdua é a tarefa da pesquisa social, pois, efetivamente, em termos práticos, nada há para oferecer.

Ante o exposto, a estratégia etnográfica foi a escolha mais acertada para a condução desta pesquisa, pois detém um referencial teórico-metodológico propício para análise de situações que demandam a relação direta do pesquisador com os sujeitos investigados. A estratégia etnográfica foi uma escolha adequada para orientar a necessidade do estabelecimento da empatia e alertar acerca das tensões entre sujeito e objeto na pesquisa qualitativa.

Referências

- ALVES, A. D.; JUSTO, J. S. Impactos da construção de usinas hidrelétricas na vida de ribeirinhos. **Revista Emancipação**, Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 197-211, 2009.
- ANDRÉ, M. E. A. **Etnografia da prática escolar**. 1. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BRAZ, M.M.A.; PRADO, A.I.S; Pesquisa social na análise de migração compulsória: Etnografia da mudança. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 5, 2016, Porto. **Atas do...** Universidade Lusófona do Porto, 2016. p. 338-346. Disponível em: < <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/976>> Acessado em: 13 mar. 2017.
- BRAZ, M. M. A. **Nova Jaguaribara: Representações sobre o modo de vida urbano**. 2005. 108 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- DAMATTA, R. **A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.
- GEERTZ, C. **Nova luz sobre a Antropologia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- LAPLANTINE, F., **A descrição etnográfica**. 1. ed. Tradução de João Manuel Ribeiro e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- MAGNANI, J. G.C. **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos do arquipélago da Nova Guiné, Melanésia**. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- VELHO, G. **A Utopia Urbana. Um estudo de Antropologia Social**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

Recebido em: 23 de março de 2017.

Aceito em: 19 de maio de 2017.